

ARTIGO

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento
Gabrielle Soares de Freitas
Laura Luzia Araújo Fiuza

Universidade Federal de Minas Gerais

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v14i2p465-497

Luís Eduardo Nardi Sousa
Manoela Faria Costa*

resumo

O presente artigo pretende discutir como a memória do Holocausto foi organizada e construída pela comunidade judaica de Curitiba a partir do canal do Youtube do Museu do Holocausto de Curitiba. Para esse objetivo, investigaremos uma coletânea de vídeos de depoimentos protagonizados por pessoas que foram afetadas pelo Nazismo Alemão na Segunda Guerra Mundial. A partir de uma análise qualitativa das fontes orais disponibilizadas pela instituição, discutiremos o papel dos testemunhos para a produção do memorial sobre esse evento traumático e as suas implicações para a narrativa desenvolvida pelo museu no meio digital.

PALAVRAS-CHAVES: memória; Museu do Holocausto; Nazismo; testemunho.

*Graduandos de Licenciatura em História na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Os e-mails para contato obedecem à ordem de apresentação dos nomes: gabinascimento67@gmail.com; gabriellesoaresdefreitas64@gmail.com; laurinha13ufmg@gmail.com; luiselucas960@gmail.com; manoelafaria4@gmail.com.

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

Introdução

Em janeiro de 1933, Adolf Hitler e o seu partido nazista ascenderam ao poder na Alemanha, onde permaneceram até a derrota pelas Potências Aliadas em maio de 1945. Durante o intervalo de doze anos, uma das políticas de Estado adotadas pelo governo nazista alemão consistiu em uma conduta de extermínio e trabalho forçado em massa pautada na limpeza étnica. Esse processo recebeu ampla legitimação social. Tais práticas governamentais ocasionaram a morte de mais de 20 milhões de pessoas em campos de concentração, dentre elas, cerca de seis milhões de judeus. A conjuntura descrita ficou conhecida como Holocausto (BAUMAN, 1989, p. 10).

Para caracterizar esse episódio dramático, foram escolhidas diferentes estratégias de descrição dos eventos. De um lado, encontram-se os diversos depoimentos e testemunhos de sobreviventes, que buscam trazer uma descrição “literária”, capaz de representar adequadamente o sofrimento da experiência vivida e auxiliar as vítimas a processar o seu passado traumático. Do outro lado, historiadores, teólogos, filósofos e cientistas sociais procuraram, a partir de uma produção acadêmica especializada, entender o que esse fato realizado por uma comunidade, supostamente racional, indica sobre o modelo de sociedade construído e tão romanticamente defendido na modernidade (BAUMAN, 1989, p. 10).

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

Recorrendo a esses estudos, pode-se compreender que é importante analisar o problema histórico do Holocausto evitando interpretá-lo como uma exceção da conduta humana. Na realidade, devemos entendê-lo como uma indicação do modo como a sociedade moderna se relaciona com as questões da diversidade étnica, racial, religiosa, de gênero, em um contexto político estatal organizado. Dessa forma, analisaremos esse evento à maneira como Bauman o caracteriza, isto é, como “um choque único de fatores em si mesmo bastante comuns e ordinários; (...) resultado do desmantelamento passo a passo de todas as fontes não políticas de poder e todas as instituições de autogestão social.” (BAUMAN, 1989, p. 12).

Investigar as formas como a contemporaneidade constrói a narrativa histórica e a memória do Holocausto é fundamental para que possamos compreendê-lo como uma experiência que afetou todo o mundo. Para problematizar essa questão, escolhemos analisar criticamente como as comunidades judaicas organizam a memória desse genocídio, a partir da construção de museus sobre o Holocausto e da presença de depoimentos em vídeos nos acervos.

O museu, como a instituição que atualmente conhecemos, foi desenvolvido entre o final do século XVIII e o início do século XIX, na Europa (MARZIALE, 2021, p. 26). Ele passou por diversas fases, planos de ação e modelos de interação entre cultura e sociedade. O final do século XX foi um momento crucial para esse processo, pois por conta das lutas sociais e

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

culturais ao redor do planeta, novas ideias sobre a proposta de inserção dos museus na cultura surgiram. Esse momento resultou na constituição do movimento chamado Nova Museologia (MARZIALE, 2021, p. 27). Atualmente, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (Unesco), considera que os museus são:

espaços públicos vitais que devem abordar o conjunto da sociedade e podem, portanto, desempenhar um importante papel no desenvolvimento de laços sociais e de coesão social, na construção da cidadania e na reflexão sobre identidades coletivas. Os museus devem ser lugares abertos a todos e comprometidos com o acesso físico e o acesso à cultura para todos, incluindo os grupos vulneráveis. Eles podem constituir espaços para a reflexão e o debate sobre temas históricos, sociais, culturais e científicos. Os museus também devem promover o respeito aos direitos humanos e à igualdade de gênero. Os Estados-membros devem encorajar os museus a cumprir todos esses papéis. (UNESCO, 2017, p. 6)

Segundo essa definição da UNESCO, o museu é um espaço com um papel social cuja relevância ultrapassa a função de construção de uma narrativa por meio de suas exposições. Ele também assume um papel ativo na formação cívica e cultural dos indivíduos. Com base nessa concepção sobre museus, pode-se questionar se a atuação do Museu do Holocausto de Curitiba, objeto dessa análise, cumpre esses requisitos através da disponibilização de uma série de depoimentos em vídeo no meio digital. Deve-se ressaltar que a musealização de testemunhos do Holocausto nesse formato ocorre desde os anos 1980, não somente com a intenção de dar voz a esses sobreviventes desse evento traumático, mas também de preservar a cultura memorial da atualidade, ou seja, preservar a forma

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

como a memória é operada no presente para as próximas gerações (DE JONG, 2017, p. 88-89). Imbricadas nessas intencionalidades, os acervos de depoimentos produzem narrativas explícitas e implícitas em suas exposições.

Sendo assim, o objetivo desse trabalho é compreender as narrativas construídas pelos depoimentos orais disponibilizados pelo Museu do Holocausto de Curitiba. A análise feita discutirá os seis vídeos que compõem uma *playlist* no Youtube chamada “Depoimentos”, descritos como relatos de sobreviventes do Holocausto que vieram para o Brasil.

A escolha desses materiais justifica-se pelo fato de serem os arquivos que estão disponibilizados para livre acesso na internet. Uma vez que não é possível realizar uma consulta completa do acervo do Museu à distância, a intenção deste artigo restringe-se a uma tentativa de investigar as narrativas transmitidas ao público digital. Ademais, é importante a análise desse material, pois além de integrarem a exposição presencial, eles contribuem para a imagem construída sobre o Holocausto nos canais de comunicação do museu. Considerando esses aspectos, observamos apenas os recortes e detalhes disponibilizados pela própria instituição.

Para realizar a análise dos vídeos, adotaremos uma metodologia qualitativa influenciada por algumas práticas da História Oral e fundamentada nos autores Pierre Nora, Dora Schwarzstein e Michael Pollack. Ao longo do trabalho identificamos os sujeitos entrevistados a

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

partir de duas questões principais que nos são oferecidas: o ano de nascimento e o local de origem. Para compreender qual o sentido produzido pela coletânea, alguns pontos essenciais serão observados, sendo eles: o assunto mais recorrente no relato, os adjetivos ou características mais destacados por cada entrevistado, as emoções demonstradas pelos sujeitos e o que o conjunto das análises feitas por eles revela sobre a relação entre passado e presente.

Assim, este artigo será dividido em quatro seções. Num primeiro momento, contextualizamos a comunidade judaica e a Shoah em Curitiba, procurando compreender também a criação do museu do holocausto na cidade. A seguir, discutiremos o nosso objeto de estudo: os relatos orais. Serão apresentados e analisados os seis depoimentos selecionados. Neste momento, problematizaremos os desafios e as limitações das narrativas construídas por cada um, a forma como estas são organizadas e suas intencionalidades. Finalmente, na conclusão, discutiremos a importância da memória, recapitulando os principais temas apresentados no artigo.

A comunidade Judaica em Curitiba e a criação de um museu do Holocausto na cidade

De acordo com Holm et al, os primeiros judeus chegaram em Curitiba no ano de 1889, poucos anos após sua elevação à cidade. Ela não era um dos destinos principais das levadas migratórias de judeus. Isso porque Curitiba ainda permanecia muito voltada para a agricultura e esses sujeitos

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

preferiram se dirigir para os centros urbanos. Estes pioneiros chegaram unidos a uma comunidade austríaca e, ao se estabelecerem na nova capital do estado do Paraná, deram incentivo para, em 1890, atrair mais imigrantes judeus (HOLM et al, 2022, p. 326).

Nesse cenário, a maioria desses judeus imigrantes, segundo Ehrlich, vieram para o Brasil fugindo de perseguições como *pogroms* e a própria Shoah, já que a Constituição Brasileira de 1824 instituiu a liberdade religiosa (EHRLICH, 2016, p. 4). Dessa forma, é a partir do período entreguerras, que a comunidade vai se instituir na cidade, com o aumento de imigrantes e de instituições judaicas, como o Centro Israelita do Paraná (EHRLICH, 2016, p. 11). Em princípio, os imigrantes se relacionavam apenas dentro de sua comunidade, mas isso foi se alterando com as próximas gerações (EHRLICH, 2016, p. 11). A partir de 2012, o território das congregações e instituições judaicas foi demarcado como um recorte espacial chamado Kehilá, que passou a ser ponto de referência da comunidade judaica em Curitiba (HOLM et al, 2022, p. 328).

A vida comunitária judaica se centrou em torno do eixo da memória do antissemitismo, principal motivo de sua imigração, e do sionismo ligado a criação de Israel, vista por muitos Judeus como a redenção após a Shoah (EHRLICH, 2016, p. 11-12). Segundo Ehrlich, o afastamento temporal das perseguições sofridas apenas aumentou ainda mais a relevância dessas memórias para a comunidade. A partir desse momento, a memória da

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

Shoah foi integrada à narrativa do Estado de Israel. Isso permitiu que a memória pessoal se tornasse coletiva e contribuiu para a legitimação dessa memória do antissemitismo (o qual também era vivido no Brasil) e da emigração forçada, que já era transmitida às gerações que não a viveram e ressignificadas por estas (EHRLICH, 2016, p. 16-17). Esses elementos também podem ser percebidos na constituição do Museu do Holocausto de Curitiba. Antes de investigá-los, porém, é necessário compreender um pouco mais sobre o contexto de surgimento desses espaços de memória.

Ao falar de museus e suas representações históricas, é necessário entender que o debate sobre a memória passou a ser um objeto de análise para as ciências sociais após a Primeira Guerra, com Maurice Halbwachs. Para este, a memória e a história eram conceitos separados. Enquanto a segunda seria imparcial e exterior à pessoa, a primeira seria viva e múltipla (FIORUCCI, 2010, p. 3-5). Essa visão começou a mudar com as novas discussões epistemológicas da história nos anos 1970 e, de acordo com Ribeiro, este momento foi marcado por uma crise nos paradigmas científicos e, principalmente no caso da História, nas bases epistemológicas (RIBEIRO, 2011, p. 109). Dessa forma, novos objetos, novos métodos e novas interdisciplinaridades surgiram no campo historiográfico, como a história oral e o retorno do foco no indivíduo (FIORUCCI, 2010, p. 5-6).

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

Com a mudança na sociedade e o aumento da globalização, a forma de transmissão da memória foi alterada resultando em uma desestruturação das memórias tradicionais. Devido tanto a esse fato quanto à incorporação da memória pela história, cada vez mais surgiram instituições responsáveis por guardar essas lembranças (FIORUCCI, 2010, p. 8-9). Uma destas são os museus memoriais, que apareceram a partir da segunda metade do século XX, em resposta às demandas por reparação pelos conflitos e violências e com o objetivo de que essas memórias não fossem apagadas ou silenciadas (SODARO et al, 2019, p. 208-209).

Segundo Sodaro et al, após o Holocausto e os julgamentos de Nuremberg, se formou a ideia de uma memória imperativa que define como as sociedades devem enfrentar o seu passado violento e o de outros. A partir disso, espera-se que os museus memoriais sejam uma forma de impedir que os conflitos ocorram novamente e, por isso, lembrar o evento se torna uma obrigação ética e moral. Essa memória e as normas para rememorar os conflitos e violências passados se deslocam globalmente para além das nações e das culturas, instituindo as políticas nacionais e internacionais (SODARO et al, 2019, p. 215).

Os museus memoriais na maioria das vezes buscam ser espaços universais em que os impactos do passado podem ser explorados, embora ainda se fundamentem em sua legitimação como um museu e, conseqüentemente, como fonte da história daquele passado (SODARO et

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

al, 2019, p. 220-221). Para além de exposições de objetos, esses lugares procuram despertar a empatia e o afeto dos visitantes através de várias ferramentas e técnicas. Assim, eles procuram destacar as experiências das vítimas e dos sobreviventes de forma pessoal, como no caso da exposição de depoimentos (SODARO et al, 2019, p. 222-223).

Após compreender o contexto de disseminação dos memoriais, é hora de conhecer a história do Museu do Holocausto de Curitiba. A notícia que pautou a criação da instituição foi veiculada em 2004, pelo Jornal Visão Judaica. Naquela ocasião, o conflito israelo-palestino havia se intensificado, pois a Corte Internacional de Justiça não aprovou a medida israelense que visava a construção de um muro entre os dois países. Indignado com as “retaliações” sofridas por Israel e com a construção da imagem do povo judeu na mídia, Sergio Feldman, doutor em história pela Universidade Federal do Paraná (2004), escreveu um artigo intitulado “Assassinos da Memória”.

Em seu artigo, Feldman apontava que os acontecimentos do Oriente Médio deveriam despertar o sentimento de dever de memória entre judeus de todo mundo. O historiador dirigia-se à comunidade judaica presente em Curitiba, fazendo um apelo contra o esquecimento das violências sofridas no século XX. Para ele, essa missão deveria envolver a participação da própria comunidade na rememoração dos eventos

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

traumáticos. Desta forma, o escritor convidava todos a participarem na iniciativa pela preservação da memória do Holocausto.

Ao discutir as “memórias subterrâneas”, o sociólogo Michael Pollak destaca o desenvolvimento de crises como um fator essencial para a emergência de lembranças clandestinas. Nesse processo, diferentes apropriações sobre o passado podem ser construídas. (POLLAK, 1989, p. 4). Por tratar-se de uma operação coletiva, a memória permite o fortalecimento de grupos e instituições. Simultaneamente, as lembranças podem influenciar na criação de fronteiras e oposições. (POLLACK, 1989, p. 9) Nesse sentido, destaca-se que Feldman parecia encontrar nas referências ao passado um caminho pelo qual a identidade do grupo judaico poderia se manter coesa e potente frente à crise no Oriente Médio. O silêncio é encarado pelo autor como uma forma de cumplicidade com o negacionismo. (BEIERSDORF, 2015, p. 23-25).

Feldman revela que anteriormente tentou recolher relatos de sobreviventes do Holocausto, mas que não conseguiu muito sucesso em sua iniciativa. Apesar da situação, alguns membros da comunidade judaica se mostraram favoráveis e dispostos a criar lugares destinados ao tema. Nesse momento, ele começa a discorrer sobre a ideia de criar um museu do Holocausto em Curitiba. (BEIERSDORF, 2015, p. 26-27). Em 2009, é fundada a Associação Casa de Cultura Beit Yaacov. A entidade privada ficaria encarregada de construir o museu e ampará-lo juridicamente. O

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

presidente da instituição era Miguel Krigsner, fundador do Grupo O Boticário. (BEIERSDORF, 2015, p. 28-30). Ele era apontado por Feldman como o maior investidor e idealizador do projeto.

O museu seria construído em homenagem à memória dos pais de Krigsner e de seu sogro, Marian Grynbaum Burstein (que inclusive terá seu relato analisado neste trabalho). Como originou-se de uma iniciativa privada, a instituição diferenciava-se de outras ao redor do mundo por não ser pautada por um discurso do poder público e possuir um certo tom de “empreendimento familiar” (BEIERSDORF, 2015, p. 30-32).

O trabalho desenvolvido na instituição esperava orientar-se por um ideal de responsabilidade social e política relacionada à educação e à preservação da memória. Relembrando as reivindicações de Feldman, o museu possuía o objetivo principal de promover um fortalecimento da identidade e do elo entre as diversas comunidades judaicas. Isso seria feito por meio da construção de um espaço que instigasse as discussões e o aprofundamento no estudo do Holocausto (BEIERSDORF, 2015, p. 33-34). Tinha-se ainda a pretensão de conservar fontes que pudessem ser utilizadas para pesquisa e para propósitos educacionais. Assim, a proposta da instituição acaba vinculando-se à movimentação de saberes.

Por meio da construção de uma relação entre passado, presente e futuro, os organizadores esperavam que a rememoração do trauma do Holocausto pudesse servir, para as novas gerações, como um incentivo à

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

tolerância as diferenças (BEIERSDORF, 2015, p. 35-36). É válido salientar ainda que a inauguração do museu aparece na mídia como um importante passo para o fortalecimento da democracia. Dentro desse jogo de ideias, o Brasil é constantemente descrito como uma referência no respeito às diferenças étnico religiosas. (BEIERSDORF, 2015, p. 37-38). Para manter uma narrativa coesa, os envolvidos não parecem reconhecer os próprios conflitos existentes no país e nem lembrar o discurso anti-palestina no texto fundador de Feldman. (BEIERSDORF, 2015, p. 27).

A partir dessas informações, é possível observar que a proposta de Feldman possuía como recorte a construção de uma memória que se pode chamar “enquadrada”, pois opera numa reinterpretação do passado orientada pelos combates do presente e futuro e voltada para construção de uma imagem coerente de um grupo (POLLAK, 1989, p. 9-10). Neste momento, não podemos nos esquecer que a fundação do museu é perpassada pelo conflito entre Israel e Palestina. Além disso, na discussão sobre os relatos, será possível observar como o projeto em muitos momentos privilegia as experiências familiares de Miguel Krigsner e a composição de uma equipe profissional muito vinculada a instituições israelenses e a comunidade judaica de Curitiba.

O museu foi fundado em 20 de novembro de 2011. Sua inauguração foi antecipada com a intenção de garantir a presença do máximo de representantes judaicos. A construção da instituição foi realizada num

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

terreno próximo ao Centro Israelita do Paraná, e contou com os serviços da empresa contratada “Base 7 Empreendimentos Cultural”, a mesma responsável por construir o museu do perfume O Boticário. (BEIERSDORF, 2015, p. 48) Naquele contexto, organizou-se uma equipe multidisciplinar composta por arquitetos, engenheiros, museólogos e cientistas da computação.

Para Pollak, as tentativas de controlar as memórias podem ser expressas não só na escolha de testemunhos “autorizados”, mas também no envolvimento de profissionais “da casa”, que corroboram com a narrativa empregada pelas instituições (POLLAK, 1989, p. 10) Este fenômeno também pode ser observado na organização do Museu de Curitiba. Segundo Beiersdorf, o processo de criação e instalação do museu contou com uma forte participação de profissionais da escola e da comunidade judaica de Curitiba. Alguns deles acabaram inclusive assumindo atividades no museu. O processo também envolveu o trabalho de muitos profissionais provenientes de Israel e/ou formados lá (BEIERSDORF, 2015, p. 49).

Dentre os envolvidos no projeto, pode-se citar Denise Hasbani (Bacharel em Ciências Políticas pela Universidade Hebraica de Jerusalém e Professora de História e Cultura Judaica no Brasil), e Avraham Milgram (historiador curador do Museu Yad Vashem, em Jerusalém). Ambos atuaram como consultores históricos. Participaram também Carlos Reis

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

(formado em relações internacionais pela Universidade Hebraica de Jerusalém) e Denise Weishof. Os dois eram profissionais da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann, a qual junto com o museu, uma sinagoga e a já mencionada casa de cultura Beit Yaacov formam um complexo. Em conjunto com profissionais do Museu de Washington, eles foram responsáveis pelo desenvolvimento da metodologia pedagógica (BEIERSDORF, 2015, p. 42-44).

A proposta era a de que a instituição se diferenciasse das demais, não por possuir uma exposição grande, mas por abarcar objetos representativos que causassem “gatilhos” para contar histórias. Assim, esperava-se transformar objetos que normalmente seriam considerados banais em itens simbólicos. Para isso, foram utilizados recursos diversos, como vídeos, trilhas sonoras, aplicativos multimídia, e técnicas de iluminação (BEIERSDORF, 2015, p. 42).

O acervo do museu foi formado por meio de comodatos, cessões e doações. Em sua composição podem ser encontrados relatos, fotografias, documentos e outros itens de uso pessoal. As ações de cessão e comodato estão mais vinculadas às colaborações feitas por institutos de memória do Holocausto. Nesse sentido, o principal parceiro da instituição foi o Museu Yad Vashem. Dele provém a maioria das fotografias e o curso de especialização a respeito do Holocausto disponibilizado para todos os funcionários da instituição de Curitiba (BEIERSDORF, 2015, p. 45).

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

Outras contribuições foram feitas pela Fundação Shoah. Esta foi quem cedeu os depoimentos a serem analisados que compõem a exposição. Embora não seja um museu, essa fundação tem atuado na construção de um grande acervo coletivo de testemunhos em áudios e vídeos (DE JONG, 2017, 76-77), assim como outras instituições como o Museu Imperial da Guerra na Inglaterra e o Memorial Bergen-Belsen na Alemanha.

O Museu de Washington forneceu alguns objetos e imagens. Como destacado anteriormente, a maior contribuição da entidade estadunidense aparece em termos de metodologia educacional. É válido apontar ainda que o museu de Curitiba aceita doações de pessoas da comunidade. Isso se justifica pelo desejo de construir uma memória que abarque personagens judeus brasileiros. A maior parte desses itens, porém, permanece em fase de catalogação. (BEIERSDORF, 2015, p. 45)

Desde 2017, o museu conta também com uma série de projetos audiovisuais. Esses trabalhos são produzidos pelo departamento de comunicação e redes sociais, e são compartilhados num canal do *YouTube* gerido pela instituição. A iniciativa surge vinculada às propostas educativas, memorialísticas e científicas do museu. É a partir dessa medida que foi disponibilizada na internet uma *playlist* de depoimentos de sobreviventes do Holocausto. Os seis vídeos fazem parte do acervo do

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

museu e contam com os relatos de Szlama Kac, Grynbaum Burstein, Hinda Klein, Moises Bergerson, Bunia Finkiel e Sara Goldstein.

Narrativas Históricas no Museu

Os seis depoimentos analisados estão disponíveis em uma playlist na plataforma do YouTube, no canal “Museu do Holocausto de Curitiba”. Todos eles foram postados no dia 15 de setembro de 2021, coincidentemente, mesma data em que, no ano de 1935, as Leis de Nuremberg passaram a privar a cidadania dos judeus na Alemanha. Não pode-se afirmar com certeza a intencionalidade dessa escolha, mas certamente ressalta o objetivo de difundir a memória do Holocausto. É possível chegar a essa *playlist* através do site oficial do museu, que conta com uma série de projetos referente ao Holocausto disponibilizados virtualmente.¹ Para além dos depoimentos curtos, a instituição já disponibilizou outros 233 conteúdos em seu canal. Os testemunhos escolhidos para debate são de pessoas que viveram a realidade da Segunda Guerra Mundial e conviveram com o pesadelo do holocausto de modos variados.

Antes de nos determos à análise propriamente dita dos vídeos é necessário compreender que uma análise histórica de relatos orais sempre deve ser feita com cautela, já que a história está em constante desconfiança em relação à recordação (NORA, 1993, p.9). Em um evento

¹ Os materiais podem ser acessados através da sequência de abas “Educação”, “Projetos Audiovisuais” e “Youtube” disponível na *homepage* do site oficial da instituição: <https://www.museudoholocausto.org.br>

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

traumático como o Holocausto, a memória é um processo ainda mais complexo, pois em um instinto de sobrevivência, o corpo humano procura maneiras se adaptar à extremidade dessa situação. Desta forma, compreende-se que o ato de relatar, assim como todos os outros, não é isento de intenções, sendo elas conscientes ou não. Além disso, vai além da individualidade do ser: ele implica uma troca com o meio em que o indivíduo está inserido e, principalmente, implica um diálogo interno. Tendo isso em vista, para o historiador, lembrar não é contar o passado exatamente como ele foi, mas reelaborá-lo em sintonia com o presente.

Isso não significa dizer que não existam potencialidades no estudo desse tipo de fonte. Como adverte a historiadora Dora Schwarzstein em diálogo com Pierre Vidal-Naquet “[...]uma história do crime nazista que não integrasse a memória – ou melhor, as memórias –, que não desse conta das transformações da memória, seria uma história muito pobre, desprovida da fonte principal” (SCWARTEIN, 2009, p. 78, tradução nossa).² Ademais, é preciso lembrar que, os testemunhos possuem diversas potencialidades que não terminam na simples composição de arquivos e portanto as análises devem respeitar esse aspecto inerente a esse tipo de fonte (RICOEUR, 2007, p. 170). As memórias são, portanto, fontes essenciais para contar a história do holocausto como um advertimento moral e ético para

² No original: “[...]una historia del crimen nazi que no integrase la memoria – o, mejor dicho, las memorias –, que no rindiese cuenta de las transformaciones de la memoria, sería una historia muy pobre, a la que la faltaría la fuente principal”.

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

o futuro. Neste cenário, o museu faz um trabalho essencial para a preservação dessas lembranças.

Contudo, é preciso considerar que assim como outras instituições, o museu não é um lugar neutro. Ele possui uma narrativa própria, delimita atores principais e com quais regimes de “verdade” quer trabalhar. Seus objetivos nem sempre estão em consonância com a história, uma vez que, um lugar de memória faz dos relatos sua própria narrativa, construindo um ponto de vista escolhido. Nesse sentido, é preciso analisar os depoimentos como se eles constituíssem uma teia, onde todos os pontos se ligam para construir uma mensagem. Tendo isso em vista, é necessário olhar de modo mais cuidadoso as complexidades dos relatos de Szlama Kac, Grynbaum Burstein, Hinda Klein, Moisés Bergerson, Bunia Finkiel e Sara Goldstein. As análises a seguir respeitarão a ordem dos vídeos já preestabelecida na *playlist* estipulada pelo museu.

Ao longo dos vídeos, não é possível identificar como se deu a seleção dos entrevistados. Apesar disso, é pertinente observar que a maioria deles possuía, em média, 77 anos de idade e, segundo Beiersdorf, conectam-se aos fundadores do museu quase sempre por vínculos de parentesco direto ou indireto (sogro do fundador, neto, tia, tio). (BEIERSDORF, 2015, p. 159). Segundo Pollak, o envelhecimento e o medo de ser esquecido parecem ter impulsionado em algumas vítimas o desejo de, ao final da vida, transmitir suas lembranças às próximas gerações (POLLACK, 1989, p. 6-7.). Em muitos

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

casos, a quebra do silêncio também relaciona-se à vontade dos familiares de compreenderem o que foi vivenciado por seus antepassados. Essa, alguma medida, parece ser também a situação dos depoimentos Museu do Holocausto de Curitiba.

O primeiro vídeo da playlist contém o relato de Szlama Kac, polonês nascido em Wlodziemierz no ano de 1930. Seu depoimento foi colhido no ano de 2003. Segundo o vídeo disponibilizado, no início da guerra, Szlama possuía apenas 11 anos quando ele e sua família foram obrigados a viver em um gueto. Em 1943, ao saber que o lugar seria demolido, ele conseguiu fugir com a ajuda de um polonês que o escondeu. Com a voz um pouco embargada, ele conta as dificuldades dentro do esconderijo, onde as pessoas dormiam no chão e tinham pouca comida. Nesse local ele permaneceu de outubro de 1943 até janeiro de 1944, quando se aproximava o fim do inverno.

Além de contar sua história, o vídeo de Szlama carrega uma característica que aparece em todos os outros relatos: as falas dos entrevistados não são disponibilizadas na íntegra e são interrompidas por textos que orientam a compreensão do que é dito. Essas práticas revelam algo sobre a intencionalidade de controlar o ritmo das entrevistas. É curioso notar também que as perguntas feitas aos entrevistados raramente são expostas nos vídeos. Quando presentes, as questões tendem a orientar uma resposta. No caso de Szlama o único questionamento feito foi “O

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

senhor se sentia abandonado?”. Esse tipo de questão direciona as memórias do entrevistado para um certo fim. Nesse caso, o objetivo parecia ser fazer com que o convidado concordasse com o que foi evocado pelo entrevistador e legitimar sua fala por meio da experiência de abandono.

Para Pollak, essas tentativas de controle da memória podem estar associadas a um medo de que, por serem diversas, as falas das vítimas sejam consideradas falsas. Por outro lado, provocam um enquadramento das lembranças, já que não abrem espaços para que narrativas consideradas dissidentes possam aparecer. Esse processo acaba por hierarquizar as vítimas do holocausto e priorizar a escuta daquelas que sofreram por motivos considerados verdadeiramente “políticos” (POLLAK, 1989, p. 10) Ao discutir o tema, o sociólogo exemplifica a situação relatando a dificuldade para colher o relato de uma mulher que, por ter sido condenada por "vergonha racial" (delito que, segundo a legislação de 1935, proibia as relações sexuais entre "arianos" e "judeus") manteve-se em silêncio por muito tempo. A situação se repete em relação às vítimas presas por serem homossexuais, onde o silêncio é adotado como uma estratégia para evitar novas retaliações no pós-guerra (POLLAK, 1989, p. 12).

O segundo vídeo da *playlist* é destinado aos relatos de Marian Grynbaum Burstein, polonês nascido em Krasnik Lubelskie no ano de 1922. Seu depoimento foi colhido no ano de 2004. Segundo o vídeo

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

disponibilizado, no início da guerra Marian fugiu da prisão e do trabalho forçado e juntou-se a um grupo de guerrilheiros. Diferente de Szlama, ele consegue traduzir mais leveza por meio das palavras, contando como conseguia comida e explicando a dinâmica do grupo dos Partisans em meio à guerra. Segundo o entrevistado, a organização desses guerrilheiros respondia a ordens estritas e uma disciplina militar. Ademais, ele conta como conseguiam suas armas, que eram russas e entregues por um elaborado sistema de sinais.

O vídeo do sogro de Miguel Krigsner é o maior da playlist e possui duração de 3 minutos. No decorrer do relato, Marian parece expressar um certo orgulho da sua atuação durante a guerra. É curioso como, neste caso, os entrevistadores não se preocupam em investigar a experiência de encarceramento e trabalho forçado. Essa orientação fica clara quando a entrevistadora interrompe a fala do idoso para fazer com que ele retome o assunto da experiência na guerrilha. Nas demais entrevistas (em especial as de Hinda e Sarah), as perguntas parecem direcionar para uma narrativa de sofrimento e desumanização, sem mostrar as pequenas resistências diárias, que não necessariamente envolviam o conflito armado. Pode-se perceber, assim, uma tentativa de construir um relato heroicizado, que também é muito apropriado na exposição presencial, já que, para escapar das narrativas que possam provocar apenas uma “vitimização” dos sujeitos, o museu dedica momentos inteiros da visita guiada à uma reflexão sobre a força e a atuação vitoriosa de Marian. (BEIERSDORF, 2015, p. 159).

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

A entrevista concedida pelo presidente do museu à *BBC News Brasil* também é um dado interessante para pensarmos sobre o depoimento de Marian. Nesta reportagem, Krigsner exalta a figura do sogro a todo momento, dizendo como a história dele foi de suma importância para pensar a criação da instituição. Ao falar sobre a resistência judaica, o fundador da O Boticário parece se esquecer dos demais testemunhos que compõem o acervo do museu. Imagina-se que por isso a entrevista de Marian é a única que constrói um personagem resistente, já que, segundo Krigsner, o sogro “é símbolo de todos aqueles judeus que não se entregaram e lutaram pelo nosso povo”. (LARANJEIRA, 2017, p. 1) Esse fator reforça a percepção de que o museu possuiria um caráter de empreendimento familiar e produziria uma memória enquadrada.

O terceiro vídeo da *playlist* contém o depoimento de Hinda Klein, húngara, nascida em Reghin em 1927. Ele foi colhido no ano de 2004. Segundo o vídeo, os judeus de Reghin foram obrigados a viver no gueto, porém, seis semanas depois foram enviados de trem para Auschwitz. Hinda conta que houve uma separação ao descer do trem: por um lado desciam os que tinham condições de trabalhar, enquanto do outro os que não iriam conseguir. A senhora gagueja ao dizer que essa separação se dava devido a incapacidade de “eliminar todos de uma vez”, logo ela deveria trabalhar.

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

Suas irmãs conseguiram fugir, mas ela estava doente e não conseguiu. Extremamente comovida, a idosa comenta a ajuda de uma amiga cozinheira para a obtenção de um prato de sopa. Nesse momento, a emoção é latente em suas palavras, expressões e olhos. Ademais, o vídeo relata que ela ainda trabalhou em outros dois campos, o que propiciou a Hinda um contato constante com “pilhas de cadáveres”. A testemunha tem dificuldades de entender como conseguiu sobreviver.

O quarto vídeo da *playlist* contém o depoimento de Moisés Bergson, polonês nascido em Hrubieszów em 1933, depoimento colhido em 2008. Segundo o vídeo, em 1939 Moisés e sua família tentaram escapar da ocupação alemã. Em 1942, foram presos num pequeno gueto na cidade de Wlodziemierz. Com a notícia de que a Alemanha iria deportar as crianças do gueto, seu pai construiu um esconderijo em uma casa de campo e, em 2 de abril de 1942, levou os filhos para lá. Moisés relata com detalhes como era o esconderijo dentro do estábulo, que era bastante baixo e com baixa luminosidade. Ali ficaram ele, seu pai e seu irmão por nove meses até a chegada dos russos.

Nesse relato, podemos observar a força com que algumas memórias se impõem no presente. Sendo o mais novo dos entrevistados, Moisés revela se recordar do barulho do confronto. Ele diz que sua rotina era ficar deitado escutando os tiros de canhões provenientes do fronte. Assim como discutido por Pollack, nesse momento pode-se perceber a relevância das

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

experiências sensoriais para a memória. De maneira similar à experiência de Moisés, aqueles que se encontravam em locais decisivos para a Segunda Guerra mundial, como os moradores de Caen e Saint-Lo, recordam-se com mais clareza dos barulhos dos aviões, explosões, vidros quebrados, gritos e choros do que do fim do conflito. (POLLAK, 1989, p. 11).

A sensorialidade também é um aspecto presente no quinto vídeo da *playlist*. Nele, Bunia Kulish Finkiel, polonesa nascida em Walkowicz em 1922, relata que em junho de 1941, os alemães bombardearam sua cidade natal. Para sobreviver, ela e sua família passaram 495 dias escondidos em um celeiro na casa de uma senhora tcheca. A senhora não possuía rendimentos suficientes para provê-los, pois eram doze pessoas. A entrevistada descreve com bastante pesar a textura rala da sopa que eles tomavam e a dificuldade de conseguir comida. Além disso, ao falar de uma “sujeira enorme”, relembra as péssimas condições de higiene em que o local se encontrava e descreve a prática de escovar os dentes ou lavar o rosto como “inimagináveis”. É visível o peso dessa memória em seu depoimento.

O sexto vídeo da *playlist* contém o depoimento de Sara Goldstein, polonesa nascida em Wadowice em 1923. A data em que o depoimento foi colhido não é mencionada. Segundo o vídeo, as memórias de Sara são permeadas pelo medo, já que em 1939 os alemães invadiram a cidade de Wadowice. Sara relata com detalhes o princípio da guerra e o medo gerado

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

por ela. Em maio de 1943, ela foi levada para o campo de trabalhos forçados em Gabersdorf, na Tchecoslováquia. Ela relata as dificuldades do campo e a importância da ajuda que recebeu da cozinheira Hania Tafe, em um momento de doença física.

De maneira resumida, pode-se observar que os depoimentos trazem a vivência da realidade judaica durante a Segunda Guerra Mundial, priorizando a experiência encontrada em campos de trabalho, esconderijos e na guerrilha. Em seu interior, eles carregam o forte peso da memória daqueles que resistiram ao Holocausto. Por meio dos depoimentos, é perceptível o embargo na voz dos sobreviventes. Eles lembram pesarosos e agradecem a todos que os ajudaram na difícil missão de sobreviver. Os relatos são de grande valia para aqueles que procuram por um olhar mais concreto sobre a crueldade imposta por meio da Shoah. Adentrar no campo da memória é um desafio complexo, que foge ao conforto de análises simplistas. Entretanto, esse exercício é fundamental para a formação de uma visão mais ampla e aprofundada sobre essa dura realidade que ainda hoje machuca milhares de pessoas pelo mundo inteiro.

É curioso observar, no entanto, que embora no canal do *YouTube* do museu existam vídeos sobre outros grupos que sofreram com Holocausto, o foco da narrativa que compõe a playlist são apenas os judeus. Sob essa perspectiva, vale destacar ainda que os entrevistados são peças encaixadas

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

em uma história que não é apenas deles, mas de todo um grupo. A individualidade de cada um não parece ter destaque na trama: não sabemos quem essas pessoas foram antes do Holocausto, como vieram para o Brasil e como as suas histórias se diferem do que é comumente falado. Desta forma, ao consumir os vídeos, precisamos estar atentos ao fato de que a teia composta por eles carrega exclusões.

O fato que mais chama atenção em relação aos depoimentos, é que eles não constituem em si o fator de destaque dos vídeos. As gravações possuem curta duração, como exemplificado acima, e a maior parte é composta por trechos escritos sobre os relatos. Dessa forma, a fala do entrevistado serve apenas para dar legitimidade à história que os textos contam. São vídeos editados pelo museu e que tiram a subjetividade que normalmente é encontrada em um relato oral. Isto é, é evidente que o museu recortou um trecho específico da entrevista oral, com o intuito de criar uma narrativa própria.

Não se trata aqui de invalidar os depoimentos apresentados, mas sim de questionar o modo como o museu cria sentido entre os depoimentos. Em muitos momentos, a narrativa constrói uma noção de que, primeiramente, apenas os judeus foram vítimas do holocausto e que a violência perpetrada contra eles é localizada apenas na sua vivência em combate direto na Europa, desconsiderando o sofrimento e trauma advindos da migração dos depoentes para o Brasil. Esse ponto de análise

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

deveria ser relevante, ao considerarmos que o objetivo inicial da instituição era trabalhar com especificidades da experiência da comunidade brasileira-curitibana.

A escolha em retratar como as seis pessoas vivenciaram os dias de luta em seus diferentes contextos é importante para demonstrar a violência pela qual os indivíduos passaram. Contudo, é necessário pensar também sobre qual o papel de intervenção e crítica social esses depoimentos demonstram, visto que a vida coletiva dessa comunidade judaica em Curitiba vai além da sua vida na Europa e, o Holocausto, fez parte de um contexto de guerra total, que resultou em violências em todo o globo.

Conclusão

Após essa exposição, é possível constatar que o Holocausto foi um evento que mudou o curso da história do século XX. A partir de seu acontecimento, sociedades de todo o mundo se viram obrigadas a repensar a aplicação dos Direitos Humanos e a organização de lugares onde a memória do evento pudesse se cristalizar. Além disso, difundiu-se globalmente o “dever” de lembrar tal episódio com o objetivo de impedir que algo similar voltasse a acontecer. É válido destacar ainda, que a rememoração da *Shoah* constitui uma parte importante da identidade judaica. A partir dela, essa comunidade pôde estabelecer novos símbolos, significados e tradições. Todos esses fatores permearam a fundação do

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

museu em Curitiba e são fundamentais para o entendimento dos espaços que pretendem resguardar as lembranças dos sobreviventes contra o negacionismo.

Com a análise dos relatos que integram o acervo, foi possível perceber como a narrativa é construída através da playlist disponibilizada pelo Museu do Holocausto de Curitiba. A perspectiva produzida pelos vídeos apresenta uma leitura condicionada dos acontecimentos, inserindo os relatos como justificativa para a história contada pelo museu. Como já exposto, a carência de informações sobre as vivências dos sobreviventes após a Segunda Guerra parece também contribuir para o apagamento de importantes particularidades dos sujeitos. Além disso, é preciso destacar que os relatos da exposição se restringem a violência sofrida pelos judeus. Muitas vezes, eles não incluem a experiência de outras comunidades que também foram marginalizadas durante a Segunda Guerra Mundial. Esse aspecto contribui para o cenário denunciado por Pollak, onde evita-se discutir nas “memórias enquadradas” e na própria historiografia as violências sofridas por “criminosos, prostitutas ‘associais’, vagabundos, ciganos e homossexuais” (POLLAK, 1989, p. 12). Apesar de encontrar contradições, a presença online do museu auxilia no cumprimento do papel social desta instituição. Ao garantir um espaço para que os depoimentos sejam ouvidos, ela promove a rememoração das histórias das vítimas.

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

REFERÊNCIAS

Fontes

MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA, Museu do Holocausto de Curitiba, 2023. Página inicial. Disponível em: <https://www.museudoholocausto.org.br/> Acesso em: 09 dez. 2023.

MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA. Depoimento da sobrevivente Bunia Kulish Finkiel. Youtube, 15 set. 2021. 2min.07s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JJd9pxZXwtk&list=PLCr6ulqI0EqiNB_lcKLExaW5qgWWtKpRA&index=5. Acesso em: 13 dez. 2023.

MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA. Depoimento da sobrevivente Hinda Klein. Youtube, 15 set. 2021. 1min.49s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4cxMEIIGicE&list=PLCr6ulqI0EqiNB_lcKLExaW5qgWWtKpRA . Acesso em: 13 dez. 2023.

MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA. Depoimento da sobrevivente Sara Goldstein. Youtube, 15 set. 2021. 1min.52s. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=HTrazrF_qDs&list=PLCr6ulqI0EqiNB_lcKLExaW5qgWWtKpRA&index=6. Acesso em: 13 dez. 2023.

MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA. Depoimento do sobrevivente Marian Grynbaum Burstein. Youtube, 15 set. 2021. 3min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1v4Klz8xPvo&list=PLCr6ulqI0EqiNB_lcKLExaW5qgWWtKpRA&index=2. Acesso em: 13 dez. 2023.

MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA. Depoimento do sobrevivente Moises Bergerson. Youtube, 15 set. 2021. 2min.29s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ga9axtx-rT0&list=PLCr6ulqI0EqiNB_lcKLExaW5qgWWtKpRA&index=4. Acesso em: 13 dez. 2023.

MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA. Depoimento do sobrevivente Szlama Kac. Youtube, 15 set. 2021. 1min.36s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4cxMEIIGicE&list=PLCr6ulqI0EqiNB_lcKLExaW5qgWWtKpRA&index=1. Acesso em: 13 dez. 2023.

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. Introdução: a sociologia depois do holocausto. In: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Cap. 1. p. 9-19.

BEIERSDORF, Danielle da Silva Maçaneiro. *O Museu do Holocausto de Curitiba: globalização da memória e ensino de história*. 2015. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2015.

DE JONG, Steffi. *The witness as object: Video testimonies in Holocaust museums*. New York: Berghahn Books, 2018.

EHRlich, Michel. Memórias de emigração forçada transmitidas às gerações seguintes – O caso de imigrantes judeus e seus filhos em Curitiba através da revista de circulação interna “O Macabeu” (1954-1970). in: *Seminário sobre direitos fundamentais e democracia, i.*, 2016, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: UNIBRASIL, 2016.

FIORUCCI, Rodolfo. História oral, memória, história. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, [S. l.], v. 4, n. 8, 2010. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/952>. Acesso em: 27 nov. 2025.

HOLM, C. C.; BRUMES, K. R.; SILVA, M. da. Comunidade judaica de Curitiba/PR: contribuições às dinâmicas locais resultantes da imigração. *Boletim de Geografia*, v. 39, p. 320-332, 24 fev. 2022.

LARANJEIRA, Lucas. O fugitivo de campo de concentração que lutou nos bosques contra os nazistas e inspirou único Museu do Holocausto no Brasil. *BBC News Brasil*, Curitiba, 23 set. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41310817>. Acesso em: 26 nov. 2025.

Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de *Shoah* a partir do Museu do Holocausto de Curitiba

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

MARZIALE, Nicole Palucci. A importância da reafirmação da função social dos museus: antes, durante e depois da pandemia. *O Público e o Privado*, v. 19, n. 38 jan/abr, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/download/4119/4218>. Acessado em: 20 nov. 2023.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Projeto História 10. São Paulo: Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC/SP, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

PINTO, S. L. de A. Museu e arquivo como lugares de memória. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 89, 2013. DOI: 10.26512/museologia.v2i3.16689. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16689>. Acesso em: 10 dez. 2023.

POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio." In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: vol. 2, n° 3, 1989.

SODARO, Amy et al. Tradução " Museus memoriais: a emergência de um novo modelo de museu". *PerCursos*, Florianópolis, v. 20, n. 44, p. 207–231, 2020. DOI: 10.5965/1984724620442019207. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724620442019207>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SCHWARZSTEIN, D. História Oral, memória e histórias traumáticas. *História Oral*, [S. l.], v. 4, 2009. DOI: 10.51880/ho.v4i0.36. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/36>. Acesso em: 10 dez. 2023.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. HISTÓRIA ORAL BRASILEIRA: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 108–121, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28979>. Acesso em: 21 nov. 2023.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

**Testemunhos e narrativas: uma análise dos depoimentos de
Shoah a partir do Museu do Holocausto de Curitiba**

Gabriela de Almeida e Nascimento

Gabrielle Soares de Freitas

Luís Eduardo Nardi Sousa

Laura Luzia Araújo Fiuza

Manoela Faria Costa

THOMPSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 15, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/11216/8224>. Acesso em: 25 nov. 2025.

UNESCO. Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), 2017. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247152>. Acesso em 26 nov. 2025.